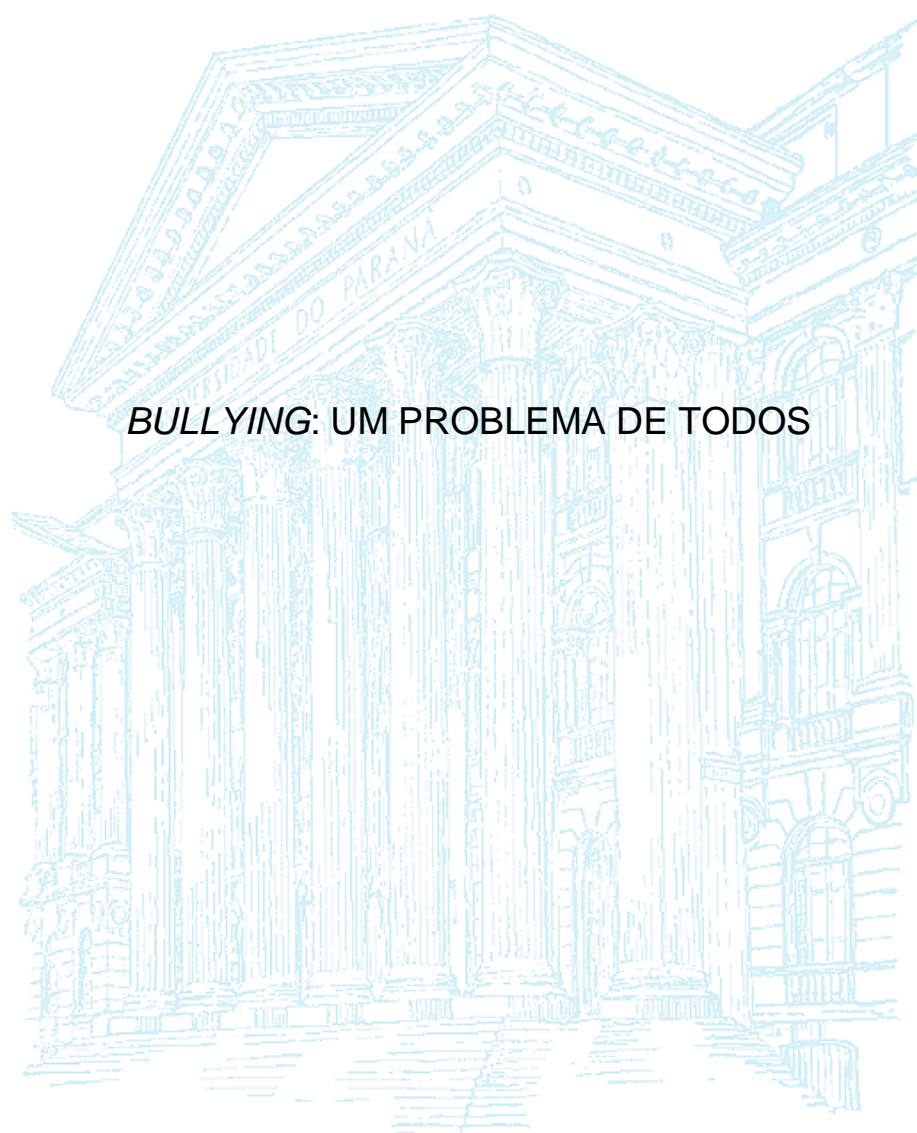


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARGARETE DE SOUZA PRADO



BULLYING: UM PROBLEMA DE TODOS

ITAMBÉ
2016

MARGARETE DE SOUZA PRADO

BULLYING: UM PROBLEMA DE TODOS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a. Ana Christina Duarte Pires

ITAMBÉ
2016

BULLYING: UM PROBLEMA DE TODOS

MARGARETE DE SOUZA PRADO; ANA CHRISTINA DUARTE PIRES²

RESUMO: Para realizar este estudo, optou-se por uma pesquisa, bibliográfica, com análise de referências que tratam sobre o tema *Bullying*. Este estudo visa buscar informações acerca do tema *bullying*, de forma que se possam instruir os profissionais a estar lidando com as crianças, adolescentes e a família desses praticantes do *bullying*, para que possam ajudar a sanar e que se possam minimizar dúvidas a respeito do que é esta problemática, quais as causas deste atual fenômeno e de quem é a responsabilidade sobre as ações promovidas dentro das escolas, pois estas geram conflitos violentos entre alunos. Serão discutidos os assuntos relacionados ao papel da escola, a posição da família e as consequências do bullying para a vítima assim como para o agressor. Muitas vezes, o bullying se inicia fora do ambiente escolar, envolvendo redes sociais e outros ambientes frequentados pelos alunos, mas que atingem o seu auge dentro dos muros da escola. Estas ações são, muitas vezes, negligenciadas por todos, já que a família espera da escola uma atitude. A escola, por sua vez, espera da família um posicionamento em relação a seus filhos. Será abordado, também, a quem cabe as providências de forma a extinguir ou mesmo apontar soluções para essa problemática que tem afetado drasticamente a autoestima de nossas crianças e adolescentes, tendo em vista que todos nós temos a nossa parcela de responsabilidade a fim de coibir tais práticas. Palavras-chave: Bullying; escola; família; autoestima.

Palavras-chave: Autoestima; Bullying; escola; família

ABSTRACT: To conduct this study, we chose to research, literature, analyzing references that deal with the topic Bullying. This study aims to seek information on the subject bullying, so that they can instruct professionals to be dealing with children, adolescents and families of those bullying practitioners so that they can help heal and that can minimize doubts about what it is this issue, which the causes of this current phenomenon and who is responsible for the actions promoted within schools, as these generate violent conflicts between students. They will discuss the issues related to the role of school, family position and bullying the consequences for the victim as well as the offender. Often, bullying starts outside the school environment, involving social networks and other environments frequented by students, but reach their peak within the school walls. All often neglect these actions, as the family expects the school action. The school, in turn, the family expects a position in relation to their children. It will be addressed, in addition, who is responsible for the arrangements in order to extinguish or even point solutions to this problem, which has drastically affected the self-esteem of our children and adolescents, given that we all have our share of responsibility in order to curb such practices.

Keywords: Self-esteem; Bullying; school; family

INTRODUÇÃO

O Bullying é um problema que ocorre em todas as esferas da sociedade, na família, em empresas, clubes, mas é na escola que apresenta e demonstra os maiores indícios. Tem se tornado comum casos de violência identificados como bullying, fato atestado diariamente, sendo possível ouvir relatos de tais atos e, muitas vezes, presenciar cenas de violência entre alunos dentro das salas de aula, corredores, pátio e nos portões de entrada e saída das escolas. De acordo com Silva (2010), o bullying tornou-se um problema corriqueiro na maioria das escolas do mundo inteiro. Mas, o que é o bullying? O que define essa palavra tão utilizada nas esferas escolares.

A palavra bullying é de origem inglesa, e ainda é pouco conhecida não sendo comum a todos, mas é muito utilizada nos meios escolares. Ainda não tem uma tradução reconhecida para a língua portuguesa. Sabe-se, no entanto, que esta palavra é utilizada para definir o comportamento do valentão e refere-se a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa, sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder (SILVA, 2010, p.21).

Muitas vezes, a ação de coagir vem acompanhada de extorsão, chantagem, humilhação, agressão física e psicológica, entre outras atitudes não menos agressivas. Nesse sentido, Camargo (2013) em artigo publicado na revista eletrônica Brasil Escola destaca que existem duas categorias de bullying: o direto, comum entre agressores do sexo masculino onde partem diretamente para a agressão e o Bullying indireto, mais comum entre agressores do sexo feminino e crianças. Em seu relato, o referido autor afirma que esta categoria tem como característica o isolamento social da pessoa que sofre com as agressões constantes. Assim, com a preocupação de estudar o tema, recorreremos a alguns autores que dedicaram a estudá-lo.

Das leituras feitas, resultou o presente estudo cujo objetivo é entender melhor como se processam os atos de bullying e expor que a família, a escola e a sociedade como um todo são responsáveis tanto pela permanência da prática, como em tomar medidas para que o Bullying não mais ocorra em nossas escolas, mas que

pelo menos amenize os casos que acontecem diariamente no cotidiano de muitas crianças e adolescentes. Também, no decorrer deste trabalho a discussão sobre o assunto buscará minimizar as controvérsias em relação a essa problemática. Visto que o principal objetivo da presente pesquisa é trazer esclarecimentos sobre o que é o bullying e quem são os responsáveis por conscientizar e evitar esse tipo de agressão. Encontrar e divulgar respostas e informações que possam ajudar a encontrar um entendimento para a resolução do problema é de suma importância para que se possa minimizar as consequências geradas por este comportamento que há tempos tem gerado conflitos e problemas físicos e emocionais desnecessários para muitos.

METODOLOGIA

Para a organização do estudo, utilizou-se a metodologia pautada no caráter bibliográfico, sendo realizadas consultas em livros, revistas, sites, artigos, monografias e outros documentos que abordaram a temática pesquisada. De acordo com Gil (2010) a pesquisa qualitativa tem por finalidade realizar um estudo de um tema relevante para a sociedade, com fins de aprimoramento profissional, e que desta forma contribua com o avanço da ciência ao responder a problematização levantada.

Gil (2010, p.1) define a pesquisa como o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Ou seja, ao pensar uma pesquisa, faz-se a delimitação do tema de interesse para a realização desta e busca-se posteriormente a bibliografia para dar subsídio ao trabalho.

Nesse sentido, a metodologia da pesquisa tem caráter qualitativo, pois tem por objetivo realizar uma análise documental baseada em ideias já existentes a fim de construir novos conhecimentos. Portanto conforme Gil (2010, p.29-31) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PAPEL DA ESCOLA

De acordo com os estudos a violência escolar é caracterizada por qualquer comportamento agressivo que gera conflitos sociais; conflitos que, muitas vezes, podem estar além da responsabilidade de uma instituição. Todos os dias, crianças e adolescentes são marginalizados, agredidos, humilhados por uma violência que se apresenta, na maioria das vezes, mascarada em brincadeira.

De acordo com KMMAD em seu artigo intitulado Bullying: violência nas escolas o mesmo relata que:

O "bullying" ocorre mais facilmente em escolas com uma deficiente supervisão por parte dos adultos, seja pelo número insuficiente de auxiliares de educação ou pelo excesso de alunos, e em escolas onde não há um devido acompanhamento lúdico e cultural nos intervalos e tempos livres. Quando os alunos agressores têm condições para continuar a exercer o seu poder, todos os outros acabam por ser, direta ou indiretamente, afetados. A ansiedade e o medo acentuam-se genericamente, quando os comportamentos agressivos não trazem quaisquer consequências para os alunos que os praticam. A falta de preparação das escolas para estes casos é problemática. Os professores assistem, muitas vezes, a atos de violência de origem pouco perceptível, que acabam por ser resolvidos com castigos a ambas as partes envolvidas. O aluno, considerado vítima, é punido por distúrbios que não causou e sente-se, geralmente, injustiçado podendo mais tarde também ele vir a ser o causador de novos distúrbios. <http://kmstressnet.blogspot.com.br/2007/11/bullying-violncianasescolas.html#>

Muitas escolas têm investido em palestras e projetos de conscientização a respeito do bullying, contudo nem sempre estas alcançam os objetivos propostos; outras instituições, por sua vez, simplesmente insistem em não enxergar o problema e a gravidade com que o mesmo se coloca. (Ramos http://www.bullying.pro.br/images/stories/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf. Acesso em: 17/08/2013).

Nesses casos, sempre há grandes perdas, principalmente para quem sofre a agressão visto que, em muitos casos, desistem da escola ou precisam enfrentar uma mudança de instituição. Infelizmente, o bullying tem se tornado um costume cada vez mais comum entre crianças e adolescentes, não importando mais a localização da escola ou se a mesma é de ensino particular ou instituições mantidas

pelo governo. O que muda entre os dois níveis e simplesmente a forma de agressão; nas escolas públicas, os casos relatados são voltados para agressão física propriamente dita, já, no meio do ensino particular, os casos de humilhação e exclusão são os mais citados, uma vez que alguns grupos com maior poder econômico ridicularizam aqueles que não conseguem manter um nível de roupa e acessório do momento. As famílias, muitas vezes, omitem-se, ignoram o problema ou reforçam a agressão, rotulando seus filhos como fracos por não ter condições emocionais, psicológicas e físicas para promover a própria defesa. Quando a família se posiciona a favor e em defesa dos filhos, é na escola que isso se torna ainda mais cruel, já que o aluno se torna alvo de todos, pois sua condição se torna visível, e as atitudes tomadas, muitas vezes paliativas, não impedem que agressor e agredido mantenham contato direto dentro da instituição. Dentre os problemas causados pelo bullying, está a reprovação de muitos alunos, já que tanto a realização do mesmo pelo agressor quanto o sofrimento da pessoa que sofre com a agressão constante causam problemas no processo ensinoaprendizagem. (Silva 2010).

Assim, as vítimas podem apresentar ainda distúrbios de ansiedade, do sono, alimentares, irritabilidades, apatia, depressão, fobias e, em alguns casos, o suicídio. Portanto, muitas das crianças e/ou adolescentes que sofrem com esta prática necessitam de terapia para superar a agressão sofrida. Nesse sentido, Silva (2010, p.38) destaca que “Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis”. A autora acrescenta ainda que, para sofrer bullying, não basta ou não se faz necessário ter um problema grave ou uma diferença marcante, isto é, qualquer aspecto que não se enquadre em um padrão imposto é motivo para que as agressões se iniciem. O seu artigo intitulado “Brincadeiras Perversas”, publicado na revista *Mente e Cérebro* no qual a autora discute a temática desse estudo, Fante (2008, p. 78) destaca: Assim como no mundo dos adultos, os autores de bullying planejam meticulosamente seus ataques. Escolhem dentre seus pares uma “presa” que pareça vulnerável – aquela que não oferecerá resistência, não revidará, não denunciara e nem conseguirá fazer com que outros saiam em sua defesa. Desferem seus golpes de modo a humilhar, constranger, difamar, menosprezar, excluir a vítima e intimidá-la de forma direta ou indireta. Para isso, se utilizam de várias estratégias, como apelidos pejorativos, comentários maldosos, calúnias, gozações,

piadas jocosas relacionadas à sexualidade, insinuações, assédios, ameaças, danificação ou furto de pertences, empurrões, chutes, socos, pontapés, invasões e ataques virtuais, entre outras.

Esse tipo de comportamento preocupa pais e educadores de todo o mundo, especialmente por envolver crianças muito novas. O bullying pode ser identificado a partir dos 3 anos, quando a “intencionalidade desses atos já pode ser observada. É possível perceber que o bullying já não é mais uma problemática que atinge crianças maiores ou adolescentes, o que torna o caso ainda mais preocupante, pois a criança que sofre bullying, ou mesmo qualquer outro tipo de violência, tende a repetir com o outro aquilo que está sofrendo, tornando-se, também, um agressor. Ao ter suas atitudes violentas muitas vezes ignoradas ou despercebidas pela família ou pela escola, o agressor torna-se cada vez mais violento, vindo, muitas vezes, a apresentar falhas de caráter que prejudicam sua vida na sociedade.

Visto por este ângulo, este é um problema para o qual as instituições escolares não podem virar as costas e fazer de conta que eles não estão acontecendo, pois o aluno que hoje comete bullying dentro da escola, amanhã também o cometerá no ambiente de trabalho e até mesmo no ambiente familiar. As instituições escolares precisam buscar meios para conter a violência por meio de programas que envolvam tanto a comunidade escolar como os demais segmentos da sociedade, os conselhos tutelares, secretaria de saúde e de segurança. (Ramos http://www.bullying.pro.br/images/stories/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf. Acesso em: 17/08/2013.) Busca-se, dessa forma, por meio dos profissionais ligados a estes órgãos, o contato com os alunos dentro dos muros da escola, mostrando quais as consequências existentes para agressores e para os que sofrem a agressão originada pela ação do bullying.

As escolas preocupam-se com o rendimento escolar de sua clientela, não só as da esfera particular como também as da esfera comum, entretanto, muitas vezes, esquecem-se do desenvolvimento emocional dos alunos, de sua formação de caráter, de respeito, de solidariedade, que podem ser desenvolvidos por programas que envolvam atividades de grupo como teatro, fantoches, dança, atividades diferenciadas, a fim de que estas proporcionem aos alunos trabalhar juntos, em equipe, dividindo responsabilidades e compromissos, criando, na criança e no

jovem, a noção de valores para que eles respeitem seu semelhante como pessoa. Justificar o ato de agressão com a repetida frase “foi só uma brincadeira” é a forma mais comum de utilizada pelos agressores, visando, desta forma, livrar-se de uma punição. (Silva 2010). Nesse sentido, professores e equipe pedagógica não devem finalizar a discussão dando como encerrado o fato de uma simples brincadeira, quando a mesma vem se repetido seguidamente. É necessário saber se, nesta brincadeira, a criança que sofreu a “brincadeira” também se divertiu, achou engraçado; se esta brincadeira proporcionou momentos de diversão a todos os envolvidos. Conhecer e compartilhar conhecimentos sobre o bullying é uma grande arma para combatê-lo, pois, a partir do momento em que as pessoas envolvidas adquirem conhecimento sobre a situação, a tendência é diminuir as agressões. Assim, o problema deixa de ficar nas sombras da escola e passa a se tornar assunto passível de discussão.

É necessário, portanto, reconhecer que o problema existe e conscientizar não somente as pessoas que estão sofrendo com a prática da agressão, mas a comunidade escolar em geral para que, ao tomar conhecimento de conhecidos ou amigos que estejam sofrendo agressões, os colegas tenham a consciência de levar ao conhecimento da direção, da equipe pedagógica, dos professores e até mesmo de familiares o que as crianças e/ou adolescentes e até mesmo adultos, na maioria das vezes, não têm coragem de relatar. (Fonte http://www.bullying.pro.br/images/stories/pdf/brincadeiras_perversas.pdf. Acesso em 17/08/2013.)

Quem está do lado de fora não pode, nem deve se omitir, se quiser, de fato, evitar e até mesmo acabar com este drama dentro e fora das instituições escolares, uma vez que o bullying é assunto que deve ser levado a sério, para que os agressores percebam que não podem agir e permanecer impunes. Conclui-se que transformar a escola em um local seguro para todos é prioridade, entretanto se sabe que a escola não pode fazer tudo, porém deve fazer tudo o que puder, e com a ajuda de todas as partes da sociedade será mais fácil diminuir os casos de bullying no ambiente escolar.

A POSIÇÃO DOS RESPONSÁVEIS LEGAIS

O bullying tem como principal marca o desrespeito, a intolerância e o preconceito. Atitudes estas que, muitas vezes, vêm arraigadas nas crianças e adolescentes. São sentimentos oriundos de situações que estes mesmos jovens e crianças presenciam em seu dia a dia, ao observar e até mesmo ao fazer parte de cenas de violência, desrespeito e preconceito dentro da própria casa e que podem levar tanto crianças quanto adolescentes a desencadear comportamento semelhante. KMMAD destaca que: Além da predisposição genética para a agressividade, algumas condições familiares podem favorecer o desenvolvimento da violência nas crianças e jovens. Os autores de "bullying" são, normalmente, alunos pertencentes por vezes a famílias com um relacionamento afetivo desequilibrado, onde os pais afirmam a sua superioridade através de comportamentos agressivos, verbais ou físicos, ou têm excesso de tolerância e permissividade na (<http://km-stressnet.blogspot.com.br/2007/11/bullying-violncianasescolas.html#>) Nesses casos, é imperativo que a família faça uma revisão de atitudes, a fim de perceber o que pode estar contribuindo para que a criança esteja agindo de forma agressiva, ou a ridicularizar seus colegas, de forma a buscar ajuda de profissionais que possam auxiliar na resolução do problema: Diante deste panorama, constatamos que as relações familiares passam por profundas transformações, e o efeito mais evidente desse fato é certo distanciamento entre pais e filhos no dia a dia. No entanto é imprescindível que os pais encontrem tempo para uma convivência saudável com seus filhos, estabelecendo um diálogo permanente sobre suas vidas, dúvidas, angústias, expectativas e o universo ao seu redor. Cabe aos pais, ainda nessa troca de ideias com os filhos reservar um espaço para que, de forma franca e transparente, possam expressar seus sentimentos a respeito deles. Isso é fundamental para prepará-los para a vida adulta. Lembre-se de que pai e mãe também enfrentam dúvida e receio na educação de seus rebentos. A grande diferença é que eles já conquistaram a sabedoria de que tudo na vida pode ser superado, com doses exatas de preparo, competência e paciência (SILVA, 2010. p.171). A família precisa deixar de ser omissa em relação às atitudes de seus filhos; se os pais percebem que não conseguem sozinhos, o melhor a fazer é buscar ajuda especializada tanto para os filhos quanto para eles próprios; a criança que agride, assim como aqueles que estejam sofrendo as agressões, também sofre as consequências do bullying. Em relação às vítimas, a postura da família deve ser ouvir, ajudar, procurar a escola e notificar as agressões sofridas pelo filho, este é o

primeiro passo. Os pais jamais devem incentivar o filho a revidar as agressões ou humilhações, pois esse tipo de atitude pode reverter o quadro a favor do agressor. Caso as instituições escolares não resolvam o problema, é preciso buscar ajuda do Conselho Tutelar e até mesmo o apoio de outras instancias legais é recomendável. Casos de bullying têm deixado de ser meras “brincadeiras” e se tornado crimes contra a vida, portanto é necessária uma posição firme da família em relação a esta educação dos seus filhos. A problemática que é cada vez mais presente na vida escolar e social de muitas crianças e adolescentes. (Fante http://www.bullying.pro.br/images/stories/pdf/brincadeiras_perversas.pdf. Acesso em 17/08/2013). O Estatuto da Criança e do Adolescente traz, em seus parágrafos e artigos, os direitos de liberdade, respeito e igualdade, sendo que estes devem ser assegurados tanto pela escola quanto pela família, que podem recorrer ao estatuto para salvaguardar seus filhos, de acordo com os artigos abaixo: Estatuto da Criança e do Adolescente ECA (2003, p.18). Art. 15. A criança e o adolescente têm direito a liberdade, ao respeito e a dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. ECA (2003, p.18).

A Constituição Federal de 1988, no Art. 227, deixa clara a responsabilidade da família e do Estado no que diz respeito a proteger e salvaguardar a criança e o adolescente. (Brasil,1988) É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de descuido, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. A justiça brasileira ainda não tem uma lei exclusiva para punir os agressores, todavia enquadra esta infração como injúria, difamação e lesão corporal. Desta forma, é necessário lembrar ainda que não se pode deixar em desamparo a criança supostamente posta como agressora devido ao fato de que, muitas vezes, a

mesma chegou a esta condição por falta de orientação e/ou apenas por reproduzir as agressões que presencia em seu cotidiano. (Silva 2010).

Esta violência, muitas vezes, não é aquela em que a criança é espancada pelos pais ou irmãos, mas pequenos atos que julgamos sem importância como pedir que a criança atenda ao telefone e recomendar que a mesma diga que a pessoa procurada não está; ou que ainda que a mesma não pode atender naquele momento, quando, na verdade, não há uma justificativa de importância para seu ato naquele momento. De nada adianta dizer à criança e/ou adolescente que não se pode mentir, que é feio fazer isso, e ao mesmo tempo pedir para que minta. Este pequeno gesto “sem importância” pode incutir na criança que mentir é uma atitude natural e, conseqüentemente, ela tem mais chances de se tornar uma criança mentirosa. Proferir xingamentos ou fazer gestos obscenos no enquanto dirige com a criança no carro, exemplo: são formas de violência que muitas crianças presenciam diariamente e passam a percebê-las como normais. (Silva 2010). As famílias não podem se esquecer, portanto, de que são a partir dos pequenos gestos e das pequenas atitudes se constroem os valores necessários para uma boa convivência em sociedade.

AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING PARA OS QUE SOFREM COM A AGRESSÃO REPETITIVA E AGRESSOR.

A agressividade entre crianças e adolescentes tem assumido muitas formas e tem se tornado algo rotineiro, uma “brincadeira” da qual não se vê as reais conseqüências como, por exemplo, provocar, empurrar, xingar, arrancar pertences dos outros à força, ignorar ou humilhar. Tais atitudes não são de crianças e tornam-se um problema que cabe tanto à escola quanto à família buscar soluções, de forma que os que passam pelo histórico de humilhações injustificadas sofram o mínimo possível. As sequelas das agressões físicas e verbais que essas pessoas sofrem em seu cotidiano podem ser irreversíveis segundo KMMAD. Se não forem desencorajados, os alunos causadores de "bullying" poderão manter esse comportamento ao longo de toda a sua vida, seja em ambiente doméstico ou profissional, tornando-se indivíduos anti-sociais, violentos e, por vezes, criminosos. Os alunos vítimas de "bullying" podem reagir de formas diferentes, de sua personalidade e os seus relacionamentos familiares e sociais. Alguns, poderão não

superar os traumas sofridos na escola e crescer com sentimentos negativos em relação a si próprios. Em idade adulta, poderão sentir dificuldades de relacionamento e até acabar por adoptar um comportamento agressivo sobre alguém que considerem mais frágil. Alguns casos extremos podem, inclusivamente, conduzir ao suicídio. (<http://kmstressnet.blogspot.com.br/2007/11/bullying-violncianasescolas.html#>)

Uma das principais consequências para as vítimas do bullying é a queda do rendimento pedagógico, porém, de acordo com Silva (2010), as consequências do bullying escolar são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da estrutura, de suas vivências, da predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. O bullying, no entanto, causa sofrimento a todos os envolvidos, em maior ou menor proporção. Muitas destas pessoas levarão consigo, por toda vida, as profundas marcas sofridas pelo bullying e necessitarão, inclusive, de apoio psicológico e até mesmo psiquiátrico para conviver com esses traumas. Silva (2010) refere ainda que problemas de ordem psicossomática, transtorno do pânico, depressão, anorexia, bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, além de serem conseqüências reais do bullying, ainda podem agravar problemas preexistentes, devido à continuidade da exposição às situações estressoras a que a vítima é submetida. A autora também alerta que, nos casos mais graves, podem ser observados quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio. As crianças e/ou adolescentes que sofrem as ações do bullying geralmente fogem do padrão determinado por um grupo, por isso são excluídas; são pessoas que se apresentam como crianças e adolescentes muito tímidos, gordo, magro, negro, baixo, alto. (Silva 2010) .São várias as formas encontradas para se aplicar a violência gratuita; define-se como gratuita, pois não há qualquer motivo que justifique a agressão, perseguição ou mesmo humilhação de uma criança em relação à outra. Muitas das pessoas que sofrem com o bullying encontram na superação a transformação para sua vida, porém não há superação capaz de apagar as cicatrizes e dores causadas por essa triste experiência. Há relatos de pessoas que necessitam acompanhamento psicológico e psiquiátrico para conseguir se manter em equilíbrio emocional, mesmo depois de adultos, pois não conseguem administrar emocionalmente a violência sofrida ainda que na infância ou adolescência.

Em relação aos agressores, nota-se que, desde muito cedo, os mesmos apresentam inclinação ao desrespeito a regras e normas. Precocemente,

apresentam bom desempenho escolar, mas, devido ao comportamento transgressor, esse rendimento tende a cair, o que não significa deficiência mental ou dificuldade de aprendizagem. (Silva 2010) Essas mesmas pessoas demonstram, na maioria das vezes, falta de afeto, o que se justifica por lares desestruturados ou pelo próprio temperamento do sujeito em questão. Em quaisquer das situações descritas, é recomendado buscar ajuda especializada, de modo a proporcionar ao agressor formas de superar suas ansiedades, medos e frustrações, tornando-se melhor consigo mesmo e com os outros: [...] é difícil reduzir o comportamento agressivo, pois este é reforçado diariamente, de maneira inconsistente. É frequente nas escolas e nas famílias, a agressão trazer recompensas em algumas situações, em outras punições e em outras ainda, não ter consequência nenhuma (BIAGGIO,1976, p.173 apud RAMOS, 2008 p.7).

Essa afirmação reforça a teoria de que quem comete atos de violência contra seu próximo sofre direta ou indiretamente algum tipo de violência. Para melhor lidar com os casos de agressão que acontecem na maioria das escolas nos dias de hoje, pais e profissionais ligados à educação precisam garantir a segurança e os direitos dos filhos e alunos. Para isso, faz-se necessário o conhecimento da legislação que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pois, desta forma, será possível informar, orientando as pessoas envolvidas sobre seus direitos; e os agressores sobre as consequências de seus atos, as instancias da lei não podem, no entanto, ser a primeira e a única via para a resolução da pratica do bullying.

A intervenção através de conversas com ambos os lados envolvidos de forma individual também é uma forma de amenizar ou dar fim as agressões praticadas por um individuo ou mesmo por um grupo, propor o dialogo para que a parte agressora tenha a oportunidade de ouvir como o agredido possa expor os seus sentimentos dando ao agressor a chance da reflexão, envolver as famílias para que todos tenham ciência dos fatos que acontecem com seus filhos dentro e fora dos muros das instituições escolares, aplicar sanções não apenas com objetivo de punição, mas de forma que os envolvidos sejam capazes de refletir seus atos e não voltar a praticar atos de violência envolve-los em trabalhos comunitários para que conheçam outras realidades e percebam que diferenças existem e hostilizar não vai fazer com que todos se igualem vai apenas gerar situações de conflitos onde alguém sempre sairá perdendo. Tognetta (2013, p.47) ressalta “O bullying é um problema da escola, e não da polícia.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema principal desse estudo é o bullying escolar, uma problemática que vem afetando o meio escolar há muitos anos, mas que somente há pouco tempo passou merecer a preocupação em torno das consequências causadas por este problema ainda desconhecido por muitos. Conhecer esse tema é de suma importância para pais, professores e equipe pedagógica em geral, tanto nas instituições de foro governamental, como em instituições privadas, tendo em vista que somente o conhecimento sobre o tema será capaz de levar as pessoas diretamente ligadas ao mesmo a uma solução adequada e ao combate definitivo sobre o assunto. Também, buscar meios para orientação dos pais e familiares é indispensável para diminuir as ações dos agressores, bem como a recuperação emocional da pessoa que sofreu com as agressões. Um fato importante que contribui para que o assunto não seja totalmente conhecido é o comportamento das crianças e/ou adolescentes que sofrem diariamente com as agressões que, na grande maioria, permanecem isoladas e não compartilham seu sofrimento, sem coragem para denunciar o agressor, mascarando, assim o problema, fazendo de conta que o mesmo não existe. Esse comportamento contribui para que o sofrimento das pessoas agredidas aumente e para que o agressor continue a agir impunemente, assim como o fato de a família e a equipe escolar não buscarem formas de orientar ou mesmo de conter o problema. É preciso, portanto, que a escola desenvolva um olhar mais observador sobre comportamentos de bullying e que fique atenta aos sinais de violência gerados por tais atos. Este tipo de instituição deve, ainda, procurar neutralizar quem esteja promovendo esses atos e não se esquecer de amparar as crianças e/ou adolescentes que muitas vezes são deixadas de lado por conta da atenção exagerada em torno dos agressores. Para uma ação efetiva contra esse problema, faz-se necessário que cada um faça a sua parte, família, escola e sociedade, de forma a contribuir para a formação de crianças e

adolescente conscientes do seu papel na sociedade e cada vez mais livres da violência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente pelas pessoas que me ajudaram na pesquisa em relação aos empréstimos de livros, artigos e outros documentos. Também à instituição pela oportunidade de realizar este curso e por meio dele ampliar meus conhecimentos acadêmicos, bem como a orientação deste TCC que me oportunizara por meios do estudo de autores e de novas ideias, construir minhas reflexões e meu novo saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, C. S. G. Pontos de Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo, Ática: 1993. BRASIL. Constituição Federal. São Paulo: Rideel, 1988.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Distrito Federal: Conanda, 2003. CAMARGO, Orson. O que é Bullying. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>. Acesso em 17/08/2013.

FANTE, Cleo. Brincadeiras Perversas. Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/stories/pdf/brincadeiras_perversas.pdf. Acesso em 17/08/2013.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

KMMAD. Bullying: violência nas escolas. Disponível em: <http://km-stressnet.blogspot.com.br/2007/11/bullying-violencia-nas-escolas.html#>. Acesso em: 12/11/2013. RAMOS, Ana Karina Sartori. Bullying – A Violência Tolerada na Escola. Disponível em

http://www.bullying.pro.br/images/stories/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf. Acesso em: 17/08/2013.

SILVA, A. B. B. Bullying: Mentas Perigosas nas Escolas. Rio de Janeiro, Objetiva: 2010. TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Bullying na Internet. Revista Nova Escola. Nº260, março de 2013. Abril, São Paulo.